

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ALAIN DELON, A VIRTUDE DO SILÊNCIO

2 e 10 de outubro de 2025

Quand la femme s'en mêle / 1957

Um filme de YVES ALLÉGRET

Realização: Yves Allégret / Argumento: Charles Spaak, a partir do romance de Jean Amila «Sans attendre Godot» / Direção de fotografia: André Germain / Design de produção: Jean d'Eaubonne / Montagem: Claude Nicole / Música: Paul Misraki / Interpretação: Edwige Feuillère (Angèle, apelidada «Maine»), Jean Servais (Henri Godot), Bernard Blier (Félix Seguin), Pierre Mondy (comissário Verdier), Sophie Daumier (Colette Seguin), Pascale Roberts (Gigi), Jean Debucourt (Auguste Coudert de la Taillerie), Jean Lefebvre (Fred), Alain Delon (Jo), Madeleine Barbulée (a pasteleira), Henri Cogan (Alberti), Bruno Cremer (Bernard), Annie Darnis (empregada), Jess Hahn (o Costureiro), Michel Jourdan (segurança de Godot), Alain Nobis (o Vilão), Jean-Marie Serreau (Kuntz), Bruno Belp (porteiro do cabaret), Yves Deniaud (Boby), Henri Coutet (maquinista), Albert Daumerque (espectador de cinema), Anne-Marie Mersen (florista).

Produção: Pierre Bochart, Cino Del Duca, Arys Nissotti, Pierre O'Connell / Produtoras: Régina, Royal Produktion, Del Duca Films / Cópia: 35mm, preto e branco, falada em francês e legendada eletronicamente em português / Duração: 92 minutos / Sem estreia comercial em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Yves Allégret foi um realizador que contribuiu de forma relevante para o cinema *noir* francês das décadas de 1940 e 1950. Começou a sua carreira como assistente de realização de Jean Renoir e de Marc Allégret, seu irmão, tendo realizado a sua primeira longa-metragem em 1940 e lançado a carreira da mulher que se tornaria sua esposa, Simone Signoret, com *Dédée d'Anvers*, em 1948. Um artigo do *Los Angeles Times* na altura do seu obituário, em 1987, considera que os filmes de Allégret se tornaram, a certa altura e de certa maneira, veículos de promoção de estrelas e a verdade é que *Quand la femme s'en mêle* se recomenda sobretudo pelo seu elenco, que inclui Edwige Feuillère, *grande dame* do cinema (e do teatro) francês da época, mas também Jean Servais, Bernard Blier e Pierre Mondy. Do mesmo modo, destacam-se nomes que ganharam maior notoriedade em papéis posteriores, como Jean Lefebvre, Bruno Cremer (o futuro comissário Maigret) e, claro, Alain Delon, a estrear-se no grande ecrã. A sua juventude e a sua beleza, com um *soupçon* de James Dean francês, deixam antever o porquê de se ter tornado uma estrela, tanto a nível europeu como internacional. Vemos Alain Delon a conduzir um carro descapotável, a seduzir uma jovem rapariga com os seus olhos azuis e a morrer de modo trágico, mas não inesperado: é impossível o público não se apaixonar quando a câmara está tão encantada por ele. O Jo de Delon é ágil, descarado e sagaz. Assassino profissional tornado *babysitter* da filha de Maine, conquista quase sem pensar a *mademoiselle*, sem nunca perder o seu profissionalismo – ele consegue matar e comer gelado quase no mesmo fôlego. A câmara, tal como Colette, está presa a todos os seus movimentos: a maneira como salta para o interior do seu carro, o seu pequeno gesto a esconder o buraco da bala na manga do casaco, a forma como beija Colette e nos deixa a suspeitar se estará mesmo enamorado dela ou não. Quando Jo a tenta persuadir a surripiar a carta guardada

por Godot, inicia essa conversa com juras de amor («Je suis sûr que je t'aime»). Colette protesta contra a ideia e Jo finge recuar nos seus planos para a convencer melhor, sendo a subtileza do momento orquestrada por Delon com a delicadeza necessária. Mais veemente seria inverossímil, menos veemente seria imperceptível. Falou de Alain Delon sem esquecer a protagonista, uma arrebatante e aprumada Edwige Feuillère, que transmite toda a imensidão do seu talento, sejam as facetas cómica ou comovente, sendo que os restantes atores quase ficam atrás, numa batalha de carisma onde só ela e Delon são os verdadeiros concorrentes.

Quand la femme s'en mêle, que se poderia traduzir como «quando a mulher se envolve», é um *noir* adaptado de um livro e sentem-se as várias (e constantes) reviravoltas da sua narrativa. À superfície, e pela estética, poderia ser um *noir* vindo de Hollywood, talvez com uma Joan Crawford ou um Humphrey Bogart (e, claro, um James Dean no papel de Delon), mas o seu âmago é francês. Em termos de personagens, o *noir* de Hollywood tem uma predileção por detetives (ou alguém no lugar do detetive) em formato *hardboiled*, anti-heróis trágicos e *femmes fatales* que concretizam a calamidade presente no seu nome. Aqui, tudo é tingido por um cinismo mais complexo. A nossa protagonista, Maine, não é um arquétipo como a Phyllis Dietrickson de Barbara Stanwyck, em **Double Indemnity**, mas uma mulher que se enquadraria num contexto que desafia papéis de género mais tradicionais. Maine é tão tortuosa como os seus namorados (Godot, Boby, René) e o mundo de bandidos em que operam, daí a sua insistência para que Félix se mantenha «un honnête homme». Essa faceta mascara uma mulher que sonha com legitimidade (também em nome da filha). Contudo, os anos que passou neste submundo, ligada a pessoas de um certo poder nocivo, limitam-na. O estilo visual deste filme é também menos estilizado, ou expressivo, do que o *chiaroscuro* do *noir* mais clássico. O realizador evita o diálogo *rat-a-tat* americano em prol de algo mais atmosférico e naturalista, desenhado com uma ténue ironia. Mesmo no aspecto da moralidade, não é preto-e-branco na sua essência. O *noir* hollywoodesco pede um juízo moral decisivo, mas este filme coloca-se numa tradição mais ambígua, com personagens mais turvas e desfechos mais incertos. O final de **Quand la femme s'en mêle** é, de facto, trágico, mas apenas para a personagem secundária de Delon, o jovem que daria tudo para sair do seu «métier», incluindo trair o patrão. No entanto, as restantes (e principais) personagens possuem finais menos definidos. Godot e Maine encontram o comissário Verdier e está claro que arriscaram, mas perderam o jogo. Fica por definir até onde irão as consequências. Colette parte de coração partido, esboçando o mais ligeiro dos sorrisos para a mãe que censurou e com quem não fez as pazes (a discussão entre as duas talvez seja o momento mais violento de um filme onde é tanto implícito como explícito que morrem várias pessoas) – haverá um possível futuro mais risonho no horizonte? Já Félix acaba por obter o desfecho que desejava («Merci pour tout!», despede-se ele no final): vingança pela morte da segunda mulher e o poder simbólico do vilão ser consumido pelo fogo («C'est pas le tout qu'il soit mort, fallait qu'il brûle!»). E, por fim, a preservação, de um certo ponto de vista, da sua condição enquanto «honnête homme» – mesmo que, para isso, tenha deixado Maine fazer o seu trabalho.

Ana Cabral Martins